

MEDIAÇÃO COMO INTERLOCUÇÃO

Daniela Beccaccia Versiani
PUC-RJ/UNESA

Resumo: Este trabalho reflete sobre o papel do pesquisador cultural como mediador/interlocutor da cultura, em uma perspectiva que enfatiza a construção intersubjetiva e negociada de realidades e conhecimento. Para tanto, é feita uma breve análise de duas obras: Portrait of a Greek imagination: an ethnographic biography of Andreas Nenedakis, do antropólogo Michael Herzfeld e Debating muslims. Cultural dialogues in postmodernity and tradition, cujos co-autores são os antropólogos Michael Fischer e Mehdi Abedi.

Uma questão parece delinear-se como premente em torno das discussões levantadas pela perspectiva multiculturalista na última década: a das relações entre os processos que tornaram visíveis novas subjetividades e sua necessidade de “auto-representação”, que levaram à necessária retomada da noção de sujeito, agora em contextos multiculturais. Ainda que algumas vezes a crítica à afirmativa das mortes do sujeito e do autor acabe por mostrar - estrategicamente - com poucos matizes algumas das discussões levantadas pelos pós-estruturalistas, é difícil discordar da necessidade de se retomar, hoje, a questão do sujeito, que permaneceu ausente, ou recalcado, no *mainstream* de teorizações tanto das ciências sociais quanto de teorias literárias durante a segunda metade do século XX.

Contudo, o conceito de sujeito hoje reinvocado não se alinha com a perspectiva de um retorno ao sujeito unívoco, como se vozes minoritárias necessariamente precisassem cumprir um desenvolvimento em etapas, teleológico, para afinal chegar a vivenciar a experiência de uma subjetividade de matriz iluminista que lhes garantiria a “inclusão” na sociedade. Uma perspectiva que, a reboque, conferiria a nós, teóricos e críticos, com nossos discursos de morte do sujeito ou com nossas críticas a esta afirmativa, o poder de tolher ou conceder a possibilidade de “auto-representação” bem como a “inclusão” dessas vozes em uma episteme delimitada por nossos próprios pressupostos e conceitos. Ao contrário, em um contexto multicultural, a questão do

sujeito, em especial do sujeito produtor de conhecimento formal, passa necessariamente a ser colocada dentro da perspectiva de uma experiência de construtividade, multiplicidade e interação entre sujeitos com diferentes trajetórias pessoais e tradições culturais, na qual, mais do que “representar” e “incluir”, tratamos de efetivamente construir novas e alternativas identificações por meio da negociação de visões de mundo, conceitos e pressupostos que afinal colaboram na própria construção de uma episteme percebida enquanto multicultural e constituída por saberes plurais. Assim, um possível caminho para se pensar hoje a questão do sujeito produtor de conhecimento que se reconhece inserido em contextos plurais e multiculturais, talvez seja aquele de enfatizar a noção de sujeito complexo, em permanente processo de constituição e alteração; construído de modo relacional, ou seja, construído através dos sucessivos e simultâneos processos de interação e negociação com outras subjetividades e grupos sociais com os quais estabelece identificações (Maffesoli) parciais. Uma noção de sujeito que pressupõe a complexidade do *self* como somatória e acúmulo de suas múltiplas pertencas e experiências passadas, decorrentes de sua singular trajetória de identificações com diferentes grupos e memórias. Uma noção que, contudo, exige uma reflexão sobre suas implicações para a própria produção de conhecimento, seja o conhecimento considerado do “senso comum”, seja o conhecimento formal, produzido por sujeitos localizados nos espaços institucionalizados das academias.

É a partir destes pressupostos que gostaria de discutir, nesta apresentação, algumas possibilidades de se pensar o papel do pesquisador da cultura contemporâneo a partir de duas publicações. São elas *Debating muslims. Cultural dialogues in postmodernity and tradition*, cujos co-autores são os antropólogos Michael Fischer e Mehdi Abedi, e *Portrait of a Greek imagination: an ethnographic biography of Andreas Nenedakis*, do antropólogo Michael Herzfeld.

Tanto *Debating muslims* quanto *Portrait of a Greek imagination: an ethnographic biography of Andreas Nenedakis* inserem-se em uma perspectiva de produção de conhecimento antropológico que se alinha com algumas recentes experiências textuais no campo da etnografia, notadamente em contexto americano. Esta perspectiva consiste na busca por novas formas de apresentação de textos etnográficos que respondam à tentativa de incluir diferentes vozes culturais em obras escritas em co-autoria entre etnógrafo e etnografados. Subjacente a estas experiências textuais formais, há contudo uma discussão maior, de alcance epistemológico e metodológico, associada à perspectiva de uma antropologia pós-moderna¹, que teve início nos anos oitenta com a publicação de *Writing Culture. The Poetics and Politics of Ethnography* (1986), coletânea, da qual também participou Michael Fischer, editada pelo historiador da antropologia James Clifford, atualmente professor do Programa de História da Consciência da Universidade da Califórnia, Santa Cruz, e pelo antropólogo George E. Marcus, hoje chefe do Departamento de Antropologia da Rice University, em Houston, Texas.

O eixo deste debate, que desde então vem se estendendo com interessantes desdobramentos e implicações para esta disciplina, gira em torno das intrincadas relações entre o processo de construção de textos etnográficos e a produção de conhecimento sobre “os outros” a partir da crítica ao assim chamado “realismo etnográfico”; crítica esta que se articula com os debates pós-estruturalistas sobre o realismo e a representação, e as teorias bakhtinianas sobre o dialogismo e o romance polifônico.

No ensaio “Sobre a autoridade etnográfica”, já publicado no Brasil na coletânea organizada por José Reinaldo Santos *A Experiência etnográfica. Antropologia e literatura no século XX* (1998), James Clifford enfatiza o empenho de alguns antropólogos contemporâneos

¹ A expressão “antropologia pós-moderna” não é empregada sem algumas ressalvas entre estes antropólogos.

em buscar alternativas ao modelo de etnografia cunhado por Malinovski em *Os argonautas do pacífico ocidental* (1922), obra considerada modelo do texto etnográfico condizente com os tradicionais preceitos da moderna antropologia, cujas bases se fundam no paradoxo da ida a campo, na observação participante, nas inúmeras anotações no diário de campo, toda uma experiência pessoal que, contudo, quando transposta para a redação final da etnografia, deve adequar-se aos critérios do texto científico. A partir desse momento, a experiência pessoal do antropólogo é obliterada pelo uso do tempo presente e da terceira pessoa, impessoal e distanciada do objeto, de modo tal que “a realidade das situações discursivas e dos interlocutores individuais é filtrada” e “os aspectos dialógicos, situacionais, da interpretação etnográfica tendem a ser banidos do texto representativo final” (grifos meus) (Clifford, 1998, p. 42).

É a partir do questionamento desta metodologia típica da construção de textos etnográficos “modernos” que Clifford aponta para a necessidade de uma mudança de paradigma na produção de etnografias:

“Torna-se necessário conceber a etnografia não como a experiência e a interpretação de uma ‘outra’ realidade circunscrita, mas sim como uma negociação construtiva envolvendo pelo menos dois, e muitas vezes mais, sujeitos conscientes e politicamente significativos. Paradigmas de experiência e interpretação estão dando lugar a paradigmas discursivos de diálogo e polifonia(...)”

Um modelo discursivo de prática etnográfica traz para o centro da cena a intersubjetividade de toda fala, juntamente com seu contexto performativo imediato” (p. 43) (grifos meus).

Desta forma, a mudança de paradigma que Clifford aponta nas etnografias que denomina “pós-modernas” refere-se exatamente à não negação da experiência pessoal e, principalmente, à explicitação do “contexto performativo imediato” no qual ocorre a relação interpessoal entre etnógrafo e etnografado como pressuposto básico da construção da própria etnografia. Entre as experiências de escrita etnográficas coerentes com esta perspectiva dialógica e polifônica, Clifford aponta, neste ensaio, algumas tentativas - com seus erros e acertos - de elaboração de

textos coletivos, assinados por etnógrafo e etnografados que, longe de pretender ser a representação de um “Outro” essecializado, buscam ser, segundo Clifford, “alegorias” da própria relação que entre eles se estabelece, ou seja, como negociação de “uma visão compartilhada da realidade” (p. 45).

Assim, como alternativa à denominada etnografia realista, estes antropólogos voltaram sua atenção para experiências de escrita que têm por pressupostos o dialogismo e a polifonia, e que, ao incluir no texto etnográfico a voz do etnografado, ou dos etnografados, desestabilizam a autoridade (no duplo sentido de autoridade e autoria) do etnógrafo em sua tarefa de “representar os outros”, bem como alguns tradicionais pressupostos metodológicos da pesquisa de campo: a possibilidade de um efetivo distanciamento do antropólogo, em sua condição de sujeito produtor de conhecimento, em relação ao seu objeto e à idéia do antropólogo enquanto “tradutor” ou “explicador” de culturas exóticas.

Ao abalar o tradicional modelo de etnografia, estas experiências textuais apontam para um novo papel a ser desempenhado pelo antropólogo contemporâneo que, destituído da autoridade de “representar o outro”, passa a desempenhar função distinta da do antropólogo tradicional. Ou seja, ao invés de falar **sobre** o Outro, ou, pior, **pelo** Outro, o antropólogo passa a falar **com** o outro/os outros, buscando remeter o leitor para a efetiva situação comunicacional e para o processo interativo dos quais participam os envolvidos na construção destas etnografias: o etnógrafo (ou etnógrafos) e o etnografado (ou etnografados).

É no momento em que o antropólogo reconhece a autoridade dos outros sujeitos, e que esses outros sujeitos deixam de ser “seus” etnografados, que o seu papel de mediador pode ser redefinido, a meu ver, em termos não mais de tradução², mas do que eu chamaria de

² Sobre o conceito de tradução ver GEERTZ, Clifford. “Introdução” (pp. 18-20) “Mistura de gêneros: a reconfiguração do pensamento social” (especialmente p. 51) e “ ‘Descoberto na tradução’: a História Social da Imaginação moral” (especialmente p. 70). In : GEERTZ, Clifford. *O Saber Local. Novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1999.

interlocução. O que gostaria de sugerir, com estas afirmativas, é que o modo pelo qual o papel de mediação – como tradução ou como interlocução - é compreendido e desempenhado por antropólogos, ou, em nosso campo, críticos e/ou teóricos da literatura, e assumido no processo de elaboração de textos (dimensão intra-textual) tem implicações políticas (extra-textuais) que precisam ser avaliadas. Nesse sentido, o modo de entender o papel de mediação do antropólogo, ou de críticos e teóricos da literatura, torna-se fundamental, pois entendo que de diferentes modos de compreender e desempenhar esse papel decorrem diferentes implicações político-críticas, éticas, metodológicas e epistemológicas.

As reflexões que acabo de mencionar trouxeram resultados interessantes, no campo da antropologia, no que concerne à reflexão do antropólogo não apenas diante do processo de construção das etnografias mas, ainda que em grau menor, diante do próprio processo de construção de conhecimento antropológico e de sua posição dentro dele.

As duas publicações acima citadas, *Debating muslims* e *Portrait of a greek imagination*, podem servir como exemplos da diversidade de enfoques dados ao processo de construção de etnografias a partir destas alterações disciplinares.

Debating muslims. Cultural dialogues in postmodern and tradition (1990), escrito em co-autoria pelos antropólogos Michael Fischer, americano, e Mehdi Abedi, iraniano, é uma narrativa que, nas palavras de seus autores, “do not tell us that people everywhere are the same” (p. xix). A partir dos pressupostos metodológicos e epistemológicos apresentados no prefácio e postos em prática ao longo dos seis ensaios que compõe esta obra, fica evidente, ao contrário, a preocupação de ambos exatamente com a produção de diferenças.

A natureza da colaboração de Fischer e Abedi é definida por eles como a escrita de “two ‘I’s and a bifocal or stereoscopic ‘we’” (p. xxxii)”, de tal modo que há uma constante alternância da voz a predominar nos diferentes ensaios.

No primeiro ensaio, por exemplo, de cunho autobiográfico, aparentemente é a voz de Abedi que predomina, mas as suas memórias e informações sobre sua cidade natal, Yazdi, foram recuperadas, como nos informam os dois antropólogos em seu prefácio, exatamente a partir dos longos diálogos que Abedi manteve com seu interlocutor/colaborador, Michael Fischer, o qual, por sua vez, nestas ocasiões, também ativava suas próprias memórias sobre aquela cidade, construídas ao longo dos dois anos (1969-71) em que lá esteve como pesquisador e professor visitante, e portanto, ao contrário de Abedi, ocupando em relação a ela uma posição de antropólogo *outsider*.

As posições de antropólogos *outsider* e *insider*, contudo, invertem-se no sexto ensaio, no qual a cidade discutida é Houston, que possui uma grande comunidade muçulmana e onde se localiza a Rice University, instituição em que Fischer lecionou e na qual Abedi concluiu seu Phd e posteriormente também foi professor visitante.

Debating muslims, lidos em conjunto os ensaios que a compõe, pode ser compreendida como uma “*multisited ethnography*” [etnografia multi-localizada], termo usado pelo antropólogo George Marcus para se referir àquelas etnografias que vão sendo construídas à medida dos deslocamentos, não apenas geográficos, dos etnógrafos, um *modus operandi* a cada dia mais intensificado, pelo menos no universo acadêmico americano, e totalmente distinto das etnografias tradicionais, nas quais o antropólogo passava um longo período em um comunidade remota para então retornar ao seu local de origem e redigir – calma e estaticamente – os resultados de sua pesquisa.

Assim, da leitura desta instigante etnografia - que sob certos aspectos pode ser considerada uma autoetnografia³ - surgem imagens parciais e negociadas das cidades de Yazdi, Houston, e de aspectos da cultura islâmica e americana, surgidas a partir do encontro de dois antropólogos pertencentes a distintas tradições culturais mas com um *background* disciplinar comum.

Passo agora ao segundo exemplo.

Portrait of a Greek imaginantion. An ethnographic biography of Andreas Nenedakis” (1997), do antropólogo Michael Herzfeld, funde elementos tanto das biografias quanto das etnografias. Contudo, no meu entender, o aspecto mais interessante desta obra reside no fato desta fusão não refletir apenas o mero desejo de transgredir as fronteiras entre os dois gêneros, mas principalmente no fato desta estratégia ter sido escolhida por permitir ao antropólogo experimentar um tipo de construção discursiva que lhe possibilita trabalhar sobre o ponto de intersecção entre uma trajetória de vida singular – a do romancista cretense Andreas Nenedakis – e as trajetórias de outras subjetividades, inclusive, ou especialmente, a sua própria. Uma vez mais, o resultado é a negociação de aspectos parciais da cultura grega contemporânea e de alguns de seus sistemas simbólicos.

Formalmente, o recurso utilizado por Herzfeld é aquele de inserir, justapondo-os ao seu próprio texto, depoimentos de Nenedakis recolhidos em seus inúmeros e “multi-situados” encontros, bem como alguns trechos de seus romances. Tais inserções – que poderíamos também chamar de intervenções – funcionam como um constante contraponto, algumas vezes dissonante, às reflexões de Herzfeld – um antropólogo *outsider* – sobre aspectos da cultura, da política e da história grega recente. Assim, o romancista Nenedakis, que numa perspectiva de construção de

³ Este termo foi o principal objeto de discussão de minha tese de doutoramento intitulada *Autoetnografias: conceitos alternativos em construção*, orientada pela Profa. Dra. Heidrun Krieger Olinto e defendida em 12 de abril de 2002 no Departamento de Letras da PUC-Rio.

etnografias tradicionais teria sido chamado de “informante”, passa a ser reconhecido como interlocutor da construção de um determinado – e parcial – saber; um interlocutor sem treinamento em antropologia cujas reflexões são reconhecidas pelo antropólogo Herzfeld em seu valor teórico e antropológico⁴.

O que eu gostaria de sugerir com esta breve – e demasiado simplificadora – apresentação destas duas etnografias é que as opções discursivas destes dois antropólogos têm implicações que vão além de um mero experimentalismo formal, estendendo-se para questionamentos metodológicos e epistemológicos que partem da percepção da construção de conhecimento como processo dialógico (e/ou polifônico) através do qual realidades são negociadas e saberes – formais e do chamado “senso comum” – são mutuamente reconhecidos.

Creio que estes exemplos deveriam ao menos nos deixar curiosos quanto às possibilidades que poderiam abrir em nossa área, em especial se pensarmos no nosso papel de pesquisadores e críticos da cultura.

Como procurei destacar, em comum a estas duas etnografias está o partilhamento da responsabilidade da autoria – em especial no caso de Fischer e Abedi – e da autoridade sobre saberes – em especial no caso de Herzfeld e Nenedakis. É nesse sentido que vejo a idéia de mediação enquanto interlocução - e não tradução *apenas* – como conceito que abre possibilidades metodológicas e epistemológicas para pesquisadores e críticos da cultura que já não estejam mais preocupados em assumir o papel de avaliadores autorizados de produções culturais, mas que, atentos aos saberes que seu saber recalca (Santiago, p. 36), estejam preocupados, sim, em dar

⁴ Para uma reflexão sobre o necessário reconhecimento do antropólogo contemporâneo em relação ao saber teórico-cultural de interlocutores não treinados em antropologia, ver KIDECKEL, David A. “*Autoethnography as Political Resistance: a Case from Socialist Romania*” e HERZFELD, Michael “*The Taming of Revolutions: intense Paradoxes of the Self*”. In: REED-DANAHAY, Deborah E. (ed.) *Auto/Ethnography. Rewriting the self and the social*. Oxford, New York: Berg, 1997.

continuidade a processos comunicativos/discursivos localizados, nos quais seu ponto de vista, seus valores político-estéticos e seu saber são percebidos como apenas mais um entre outros.

Bibliografia

- CLIFFORD, James e MARCUS, George E. (eds.) *Writing culture. The poetics and politics of ethnography*. Berkeley, Los Angeles, London: California UP, 1986.
- CLIFFORD, James. “Sobre a autoridade etnográfica”. In: SANTOS, José Reginaldo (org.). *A experiência etnográfica. A antropologia e literatura no século XX / James Clifford*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998, pp. 17-63.
- FISHER, Michael e ABEDI, Mehdi. *Debating muslims. Cultural dialogues in postmodernity and tradition*. Madison, Wisconsin: Wisconsin UP, 1990.
- HERZFELD, Michael. *Portrait of a Greek imagination: an ethnographic biography of Andreas Nenedakis*. Chicago, London: Chicago UP, 1997.
- MAFFESOLI, Michel. *A Transfiguração do político: a tribalização do mundo*. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- MARCUS, George E. “Ethnography in/of the World System: the Emergence of Multi-Sited Ethnography” In: _____. *Ethnography through Thick and Thin*. Princeton, New Jersey: Princeton UP, 1998, pp. 79-105.
- SANTIAGO, Silviano. “Prosa literária atual no Brasil”. In: _____. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, pp. 24-37.